

Cruz, Maria Beatriz Zanarella¹; Rocha, Giovana Cristina da²

¹Rod. João Beira- KM 46,5 – Bairro Modelo – Caixa Postal 118 – CEP: 13905-529 – Amparo – SP.

²Rua: Prudente de Moraes, nº 340 - Centro – CEP13900-270: – Amparo – SP.

FAMÍLIA E ESCOLA: DOIS CONTEXTOS INSEPARÁVEIS À APRENDIZAGEM.

RESUMO

Na atuação pedagógica é constante o contato com alunos que apresentam problemas de aprendizagem. Por vezes, esses estão associados a problemas de ordem afetiva principalmente no que diz respeito à estrutura familiar. Nesse sentido, sabe-se que a afetividade é elemento essencial e indissociável da construção do desenvolvimento cognitivo, ou seja, não se pode falar em aprendizado sem que este esteja associado à afetividade. Assim, a ideia deste artigo é expor, a partir de um estudo de caso, no qual a criança apresenta problemas de aprendizagem decorrentes da desestrutura familiar, pois fatores emocionais e afetivos estão relacionados ao sucesso e fracasso escolar.

Palavras-chave: afetividade, relação professor-aluno, intervenção psicopedagógica, família, escola.

FAMILY AND SCHOOL: TWO CONTEXTS INSEPARABLE TO LEARNING.

ABSTRACT

Pedagogical work is in constant contact with students who have learning problems. Sometimes, these problems are associated with affective especially as regards the family structure. In this sense, it is known that the affection is essential and inseparable aspect of building cognitive development, ie, one can not talk about this without learning is associated with affectivity. Thus, the idea of this article is to present, from a case study, in which the child has learning problems arising from family dysfunction, as emotional and affective factors are related to success and failure in school.

Keywords: affectivity, teacher-student relationship, pedagogical intervention, family, school.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, a ideia central é apresentar ao leitor o reflexo das relações familiares desestruturadas e desregradas dentro da sala de aula. Mostrar que as emoções advindas deste ambiente motivam e influenciam os comportamentos inadequados na relação professor-aluno e aluno-aluno, pois estes, além de apresentarem dificuldades em controlar e transmitir as emoções acreditam serem incapazes intelectualmente.

Dificuldades relacionadas ao processo de aprendizagem sempre estiveram presentes no ambiente escolar.

A princípio os problemas de aprendizagem foram compreendidos como sendo de ordem mental. Dentro dessa perspectiva as dificuldades apresentadas pela criança eram entendidas como sendo de retardo mental e a possibilidade de ajudar este indivíduo a superar seu insucesso se respaldava, essencialmente, em oferecer um ensino diferenciado em salas de aula. Nesse momento surgem as “classes especiais” destinadas a oferecer um ensino diferenciado a esse grupo considerado de aprendizado lento ou incapazes de aprender, com a finalidade específica de “curar”. Verifica-se, até então, que os estudos apoiavam-se unicamente no fator mental. Tal conceito modificou-se a partir do século XX, com a fundação dos primeiros Centros Psicopedagógicos que buscavam utilizar os conhecimentos da psicologia, da psicanálise e da pedagogia para auxiliar as crianças que tivessem dificuldades comportamentais e de aprendizagem. Verifica-se, portanto, que o enfoque deixa de ser apenas de ordem mental, mas também, de ordem afetiva, social e emocional.

Os fatores afetivo, social e emocional passaram a ser relevantes na compreensão do insucesso escolar da criança, pois se sabe que não é possível compreender um sujeito se não for, exclusivamente, analisando a sua esfera biopsicosocial. Ou seja, para estabelecer uma relação de ensino e aprendizagem efetiva se faz necessário o conhecimento do contexto familiar e social no qual este está inserido.

De acordo com Andrade (2007) as influências genéticas e ambientais são responsáveis pelo desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Assim, a partir das interações sociais que estabelece com o outro e com o meio a criança constrói ativamente a sua individualidade que resultará nos traços psicológicos, afetivos e emocionais que a definirão enquanto ser.

Segundo Sisto e Martinelli (2006) apud Piaget (1973) os fatores sociais são imprescindíveis para o desenvolvimento cognitivo, sendo a interação social uma condição necessária para o desenvolvimento da lógica, pois transforma a natureza do indivíduo

tornando-o menos egocêntrico. Nesse sentido, verifica-se que os autores destacam a importância da socialização do indivíduo com seus pares e que a partir desta relação o sujeito constrói a sua identidade a partir das interações sociais e, conseqüentemente, sua capacidade cognitiva. Visto que os problemas emocionais mais frequentes e que repercutem na aprendizagem escolar são instabilidade emocional e dependência, tensão nervosa; dificuldade em manter a atenção, problemas de comunicação e autoconceito e autoestima baixos, com reduzida tolerância a frustração, inquietude e desobediência; reações comportamentais bruscas e desconcertantes; falta de controle sobre si mesmo; dificuldade de ajuste à realidade, o que revela problemas de ordem comportamental (SISTO & MARTINELLI, 2006).

Nesse sentido, percebe-se que os problemas de aprendizagem estão diretamente relacionados aos fatores emocionais conquistados a partir das relações do sujeito com o mundo, podendo ser seus causadores ou serem causados por estes. Assim, se o indivíduo estabelece, ao longo da vida, relações satisfatórias, provavelmente a criança apresentará mais chances de sucesso escolar. Por outro lado, quando as relações afetivas são insatisfatórias poderão gerar comportamentos desajustados como, por exemplo, agressões físicas e verbais entre os seus pares e, também, com seus professores que são fundamentais no processo de aprendizagem.

Para Sisto e Martinelli (2006) apud Fernandez (1990), Fonseca (1995), Dockrell e Mcshane (1997) a concretização do ensino aprendizagem ocorrerá de forma satisfatória se nos ambientes familiar, escolar e social existir a figura de um adulto com as estruturas necessárias, científica e cultural, para mediar esse processo. Ou seja, o adulto torna-se o ponto de referência e exemplificação para a criança que precisará demandar esforços cognitivos para a realização de suas tarefas e, ao mesmo tempo, da interação social com o outro (socialização) para aprender. Portanto, quando o indivíduo apresenta dificuldade em se relacionar provavelmente apresentará problemas emocionais que resultarão num déficit cognitivo, pois inserido neste contexto necessitará do outro para aprender. Como bem coloca SISTO & MARTINELLI (2006) *“vida em grupo por si só é importante”* (p.19).

Piaget (1973) acrescenta que não só viver em grupo é importante, mas que a qualidade das associações criadas entre os membros serão responsáveis pela atmosfera grupal e, ainda, que dentro do grupo cada indivíduo estabelece o seu papel social.

Jennings (1973) em corroboração com Piaget (1973) afirma que as relações humanas contribuem para o desenvolvimento social e aumentam a motivação do sujeito para aprender. Além disso, a posição que o sujeito estabelece dentro de um grupo pode-lhe ser favorável ou

adversa, podendo levá-lo à frustração/rejeição ou felicidade/satisfação em sua participação social. A posição do indivíduo num grupo e suas relações interpessoais precisam ser conhecidas pelo educador, pois elas afetam a aprendizagem e o comportamento.

Desde o nascimento o sujeito está inserido dentro de grupos sociais (família, escola e sociedade), que norteiam diretamente o seu processo de socialização. Dentro desses grupos, o indivíduo assume diferentes papéis sociais e estabelece interações com os seus membros, que poderão ser ou não, de qualidade. A condição do homem dentro deste grupo, que pode ser favorável ou adversa, é que determinará sua participação social. Sabendo que o processo de aprendizagem é indissociável à interação social, é necessário que o professor em sala de aula conheça qual a posição da criança no grupo, para assim, trabalhar conjuntamente com a criança na construção do conhecimento científico e, também, na descoberta das suas potencialidades. Neste momento a criança realiza atividades escolares que demandam não só esforços cognitivos, mas também, interações sociais que requerem uma carga afetiva que, por sua vez, motivarão ou não o sujeito para o aprendizado.

O professor se torna o principal mediador dessa afetividade podendo melhorar o convívio entre ambos, permitindo que se estabeleça uma relação de respeito, desenvolvendo, assim, o progresso físico, psíquico, espiritual e moral. Porém, a afetividade não se restringe somente à escola, ela também está inserida dentro do ambiente familiar, o qual também precisa desenvolver laços de afetos em seus filhos.

A família se torna o principal ponto de referência das aprendizagens, pois a esfera familiar é o primeiro grupo social do qual o sujeito faz parte. Dentro deste grupo, a criança inicia suas primeiras aprendizagens, suas conquistas são acompanhadas pela família que tem por função incentivar a criança na conquista de novas habilidades sociais, cognitivas e comportamentais. O desenvolvimento saudável da criança depende do afeto da família, pois será o princípio da autoestima e de valores equilibrados.

A família tem papel fundamental na construção do afeto, sendo este um construto imprescindível para a promoção da aprendizagem. Acredita-se que, por ser a família o primeiro grupo social, do qual a criança faz parte, pode-se supor que é a partir daí que o sujeito aprende as primeiras formas de transmitir e receber afeto. Por sua vez, muitas crianças estão inseridas em um lar onde o ambiente familiar é desestruturado em função de diversos fatores, tais como: pobreza, desnutrição, vícios, separações, falta de um trabalho digno ou desemprego, que acabam por afetar não só o desenvolvimento cognitivo, mas também, o aspecto físico (higiene corporal) e emocional. Muitas vezes, a desconstrução do ambiente

familiar é tão grande que a criança não consegue nem ao menos perceber seu espaço corporal, o espaço que a rodeia, manter uma linha de raciocínio linear em atividades que requerem uma sequência temporal (enredo) e espacial dentro do ambiente familiar.

Nesse sentido, percebe-se que a aprendizagem depende de inúmeros fatores que contribuem para o sucesso ou fracasso escolar. Desta forma fica explícita, que a falta de afeto no ambiente familiar prejudica diretamente o desenvolvimento da criança, não somente, em seu aspecto cognitivo, como também, no social e emocional. Infelizmente, não é raro nos depararmos com situações em que esta desestrutura permeará ao longo da vida deste sujeito, isto é, o déficit cognitivo, social e emocional refletirá de forma contínua na relação deste sujeito com o mundo que o rodeia.

Considerando que o sujeito reflete àquilo que aprende, a partir das interações familiares, em sala de aula, nota-se constantemente que as crianças advindas de lares desestruturados e desregrados apresentam maiores problemas com auto estima baixa, raiva e agressividade, inibição e timidez, *stress* infantil, ansiedade, problemas de relacionamento interpessoal, hiperatividade e medo.

METODOLOGIA

A técnica psicopedagógica do desenho da família foi aplicada num menino de 11 anos, estudante do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Pedreira/SP, que apresenta dificuldades de aprendizagem e podem estar associadas ao vínculo afetivo-familiar.

A técnica psicopedagógica do desenho da família, proposta por Chamat (2004), tem por objetivo verificar como a criança se coloca no contexto familiar, seus vínculos afetivos com as pessoas e com o conhecimento, com a finalidade de subsidiar a relação do ser que ensina com o ser que aprende e levantar déficits cognitivos aparentes.

Propicia também a leitura da forma pela qual a criança se percebe diante do saber e conseqüentemente a sua síntese cognitiva sobre o “não-aprender”, deixando claro no conteúdo latente a função da “doença”, para ela e no meio familiar.

A aplicação e a análise do teste da família se baseiam na prática pedagógica do professor, como forma de trabalhar o contexto social da criança.

Na técnica psicopedagógica foi solicitado a E. que desenhasse sua família e, posteriormente, relatasse uma história sobre a mesma.

Também aplicou-se a anamnese para avaliação da vida pregressa da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na anamnese realizada com foi constatado que, hoje, encontra-se morando com uma tia e um tio, seus tutores legais, pois a mãe está reclusa em regime fechado em uma Instituição Prisional, em função do código penal, com fundamento no artigo 121 - tráfico de drogas. O pai não mantém vínculo com a criança desde o seu nascimento.

Em relação aos tutores legais, E. relata que “*odeia a tia*”, pois ela não lhe dá atenção e somente o faz aos primos, também diz que sua tia afirma que ele “*é um peso na sua vida*”, pois destaca com veemência que só “*cuida dele, pois a juíza mandou*”.

O indivíduo reside num bairro de baixa renda, numa casa de quatro cômodos, sendo que na mesma moram sete pessoas, a saber: tio, tia e mais quatro filhos do casal, além de E..

No ambiente escolar, apresenta dificuldades em seguir regras pré-estabelecidas; comportamento agressivo físico e verbal; afirma que “*não aprende*”, pois é “*burro*”; diante de algumas situações mostra-se dissimulado ocultando os atos realizados indevidamente, culpando os colegas e, além disso, seu comportamento e vínculo afetivo variam de pessoa para pessoa. Considerando a relação professor-aluno, apresenta desajustes emocionais e comportamentais diferenciados com os educadores e demais funcionários, percebendo-se que quanto menor o vínculo emocional, mais desastrosa é a relação.

Nas reuniões pedagógicas, a tia se apresenta, no entanto, nunca na data pré-estabelecida pela escola, ou seja, comparece dois ou três dias depois. Não demonstra comprometimento com a vida escolar de E., nem com sua aprendizagem. Durante esses encontros, reuniões de pais e mestres, a tia não se mostra interessada em nenhum aspecto do desenvolvimento biopsicosocial da criança. Com base no comportamento apresentado pela tia em relação a E., nota-se que ele não recebe nenhum outro estímulo a não ser o do âmbito escolar, o que pode trazer consequências negativas de seu vínculo com o conhecimento.

Foi solicitado a E. que desenhasse sua família, no entanto, ele apenas desenhou uma casa e quando questionado sobre os membros da família, alegou que estavam dentro dela. A aplicadora levantou os seguintes questionamentos: *Como é possível saber quem são os membros da sua família? Como você irá explicar, na história, sobre sua família?*. A partir disso, E. afirmou que não iria escrever a respeito e resolveu desenhá-los.

No desenho da família, o menino representa a tia, o tio e ele, todos fortes, fisicamente; no entanto, seus quatro primos não estão presentes nessa representação; a criança não utilizou cores, porém percebe-se que apresenta maturidade cognitiva, pois seu desenho apresenta-se completo (figura humana completa e bem desenvolvida).

Em relação às figuras humanas representadas no desenho, nota-se que a tia mantém a mão esquerda no bolso, sendo esta a mão que se encontra ao lado de E.. Nesse sentido, pode-se supor que o menino por meio do desenho expressa a rejeição que a tia tem por ele. Através da representação do tio no desenho, percebe-se que este se mantém distante de E., é uma figura forte, mas que está situada distante da figura do menino.

Em relação à afetividade, percebe-se que o sujeito possui dificuldade em expressar vínculos familiares, pois, a princípio, deu prioridade para o desenho da casa, afirmando que todos estavam lá dentro e que era necessário desenhá-los. Isso demonstra vínculos adoecidos que impedem o menino de exteriorizar suas emoções e potencial.

No aspecto cognitivo, percebe-se que em E. está comprometida, sofrendo bloqueios e inibições pela fantasia do prazer em ser cuidado, pois não há a presença de seus primos no desenho, o que nos leva a pressupor que sua ideia de família é próxima do modelo de família que ele tinha: mãe, pai e filho. As relações vinculares se mostram comprometidas, o sujeito é o depositado das deficiências e relações comprometidas dos pais, portador de vínculos adoecidos e /ou empobrecidos percebendo as perdas e não os ganhos, sua recusa em executar a tarefa (desenho da família) pode ser interpretada como resistência ou dor em ter que lidar com a própria desestrutura familiar.

Pode-se concluir a partir da técnica do desenho da família, que as dificuldades de aprendizagem que o sujeito apresenta podem estar diretamente associadas a desestrutura familiar que enfrenta, não somente com sua família, mas também com a família que é sua tutora legal. Em ambas, é possível constatar que os vínculos afetivos estão adoecidos e esse fator reflete no potencial da criança, no que diz respeito à aprendizagem e nas suas relações interpessoais.

Na análise desse desenho, verificou-se que a criança apresenta desajustes em relação ao ambiente familiar que estão expressas no desenho. Segundo Visca (1987), uma problemática nesse sentido, pode trazer consequências desastrosas ao vínculo com o conhecimento.

CONCLUSÃO

Foi possível constatar a importância da afetividade nas práticas pedagógicas e na relação professor aluno. O afeto é construído, primeiramente, dentro do ambiente familiar, uma vez que a família é o primeiro grupo social do qual a criança faz parte. O ambiente familiar, nesse sentido é fonte principal para o desenvolvimento da socialização da criança e da afetividade que esta transmite e coloca na relação com o outro e com o aprender.

A afetividade é uma ferramenta facilitadora do processo ensino aprendizagem, por isso, crianças que desenvolvem este construto satisfatoriamente na infância apresentarão maior facilidade para o aprendizado destacando o seu papel no desenvolvimento e na sua constituição como indivíduo que interage e constrói o saber com seus pares.

A afetividade está presente quando se busca conhecimento, quando se estabelece relações com outras pessoas. A afetividade e a cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em quaisquer atividades, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações dos indivíduos, ou seja, existe relação direta entre o desenvolvimento orgânico e social da criança que a permite progredir, ou não, sucessivamente em seus aspectos intelectuais e sociais.

A afetividade também pode implicar sobre a qualidade das práticas pedagógicas e, por isso, a fundamental importância da intervenção do psicopedagogo orientando a postura do educador, com relação à utilização da afetividade como ferramenta de trabalho com crianças, que apresentam dificuldade de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

Andrade, A. S. de. (2007). *A influência da afetividade na aprendizagem*. Brasília: Distrito Federal. Especialização em Psicopedagogia reeducativa.

Chamat, L. S. J. *Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista*. 1ª. Ed. São Paulo: Vetor Editora, 2004.

Dockrell, J.; Mcshane, J. (1977). *Dificultades de aprendizaje em la infancia: um enfoque cognitivo*. Temas de educación. Barcelona: Paidós.

Fernández, A. (1990). *A inteligência aprisionada; abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Fonseca, V. (1995). *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Jennings, H. H. (1973). *Sociometry in group relations: a manual for teachers*. Greenwood Press, Publishers, Westport, Connecticut.

Piaget, J. (1973). *Estudos sociológicos*. Rio de Janeiro: Fiorense.

Sisto, F. F. & Martinelli, S. de C. *Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica*. São Paulo: Vetor, 2006.

Visca, J. *Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente*. Porto Alegre: Artes médicas, 1987.